



AS PALAVRAS NÃO SE AFOGAM
AO ATRAVESSAR O ATLÂNTICO

CARLOS
VAZ MARQUES

AS
PALAVRAS
NÃO SE AFOGAM
AO ATRAVESSAR
O ATLÂNTICO

RIO DE JANEIRO
TINTA-DA-CHINA
MMXV

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas /
Secretaria de Estado da Cultura – Portugal.



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

DG
LB
DIRECÇÃO GERAL
DO LIVRO E DAS
BIBLIOTECAS

© Carlos Vaz Marques, 2015

1.ª edição: junho de 2015

Edição: Tinta-da-china Brasil

Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china Brasil

Marques, Carlos Vaz, 1964-
M357p As palavras não se afogam ao atravessar o Atlântico /
Carlos Vaz Marques – 1.ed. –
Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2015.
352 pp.; 21 cm

ISBN 978-85-65500-15-9

I. Literatura portuguesa.
I. Título.

CDD P869
CDU 821.134.3

Todos os direitos
desta edição reservados à
Tinta-da-china Brasil
R. Júlio de Castilhos 55, Cobertura 01
Copacabana RJ 22081-020
Tel. 0055 21 8160 33 77 | 00351 21 726 90 28
Fax 00351 21 726 90 30
info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

Agustina Bessa-Luís	13
António Lobo Antunes	41
José Saramago	77
Eduardo Lourenço	113
Miguel Sousa Tavares	153
Mia Couto	193
Valter Hugo Mãe	229
Mário de Carvalho	263
Gonçalo M. Tavares	291
Dulce Maria Cardoso	321

APRESENTAÇÃO

O trânsito literário entre Portugal e o Brasil cresceu muito nos últimos anos. Há mais tráfego, mas ainda sem perigo de congestionamento.

Temos caminho aberto, nos dois sentidos, para aumentar o fluxo de escritores que atravessam o Atlântico.

Como em tudo na vida, nem sempre os que chegam primeiro e com mais estrondo são os mais importantes ou os mais representativos, pelo que alguns parecem ir a nado, de tal forma tem sido demorada a travessia.

Isso explica que o leitor brasileiro, mesmo o mais atento, possa eventualmente não reconhecer alguns dos nomes incluídos neste conjunto de auto-retratos falados.

Seja como for, tal como sucedeu no episódio de Camões, no Índico, nadando para salvar *Os Lusíadas*, também hoje as palavras não hão-de afogar-se ao atravessar o oceano que há entre as duas margens atlânticas da língua portuguesa.

As entrevistas reunidas neste volume resultam da minha colaboração de mais de uma década com a revista *LER*, uma publicação importante no panorama literário em Portugal.

Durante esse longo período, entrevistei dezenas de autores, e este livro, como não podia deixar de ser, é apenas uma pequena amostra desse trabalho.

A recolha das entrevistas que o leitor encontrará aqui é idêntica à que deu corpo a um outro volume, publicado em Portugal, com o título *Os Escritores (Também) Têm Coisas a Dizer*. A escolha não foi fácil. Tive como critério uma avaliação (necessariamente subjectiva) do valor documental das entrevistas publicadas. Ficam de fora, infelizmente, autores de grande mérito e entrevistas que gostei muito de fazer.

Escusado será dizer que fui eu, sem dúvida, o principal beneficiário dessa tarefa, que me permitiu conhecer de perto gente que admiro e de quem só conhecia a obra publicada.

Uma entrevista literária, nos melhores casos, serve para acicatar o leitor a procurar a obra do autor entrevistado. Se isso acontecer a quem leia este livro, poderemos, com alegria, proclamar: missão cumprida.

CARLOS VAZ MARQUES
Maio de 2015

AGUSTINA BESSA-LUIÍS

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

JOSÉ SARAMAGO

EDUARDO LOURENÇO

MIGUEL SOUSA TAVARES

MIA COUTO

VALTER HUGO MÃE

MÁRIO DE CARVALHO

GONÇALO M. TAVARES

DULCE MARIA CARDOSO

**AGUSTINA
BESSA-LUÍS**



DOU MUITA IMPORTÂNCIA ÀS PESSOAS FRÍVOLAS

Os velhos dão mais importância à vida do que os novos?

Acho que sim. Ou, pelo menos, habituaram-se, o que é uma forma de lhe dar importância.

De toda a sua, vida qual é o instante, o fragmento, o pontinho de luz que mais vezes lhe ocorre para dizer que viver vale a pena?

Acho que é extraordinária a nossa capacidade – como eu dizia há tempos numa carta que escrevi ao Eugénio de Andrade, que está muito doente – de amar. Eu dizia-lhe: “O importante é amar alguma coisa.” Ter a capacidade de amar alguém ou algo na vida. Ser capaz de pôr nisso todas as forças, toda a capacidade que, no fim de contas, é a capacidade para viver.

O principal objecto do seu amor têm sido as pessoas ou a escrita?

Foi a escrita e foram as pessoas. As pessoas é que são o material da minha escrita. Acima de tudo, as pessoas. Se eu não tivesse papel e tinta para escrever, acho que não sentia tanta falta deles como se não tivesse pessoas com quem falar e a quem observar. A quem ver passar. Isso para mim é o mais importante.

Basta-lhe apenas vê-las passar?

Sim. Porque, no fundo, sou muito solitária. Não sou muito convivente. Sobretudo por economia de tempo. Sou solitária na medida em que me basto a mim mesma para criar um mundo. Mas, ao mesmo tempo, tenho a necessidade desse envolvimento do mundo que me rodeia.

Fevereiro de 2003

ANTÓNIO LOBO ANTUNES



ESCREVO PELA MESMA RAZÃO QUE A PEREIRA DÁ PERAS

Está no seu cantinho à espera de que as palavras cheguem. No mesmo canto onde escreveu todos os últimos livros e onde tenciona escrever os próximos. No canto de uma garagem reconvertida em ateliê de design onde, até nos meses de pousio, quando não está a escrever nada, se vem sentar em silêncio. Fala muito baixo, às vezes quase para dentro, numa toada lenta e encantatória. Mesmo ao falar do desagrado por aquilo que considera a falta de rumo da editora que lhe publica os livros. Que lhos publicou até agora mas que ainda não sabe se lhe publicará o próximo. Está pronto desde Novembro e vai chamar-se O Arquipélago da Insónia. O grupo Leya, que comprou a Dom Quixote, pediu-lhe “uma oportunidade”. Ainda não sabe se vai querer dar-lha. O facto de Saramago estar no mesmo grupo editorial não é relevante. Continua a surpreender-se, aliás, com a persistência com que os nomes de ambos aparecem tantas vezes referidos em conjunto. Nunca leu um romance de Saramago, mas leu o suficiente para saber que não têm nada a ver um com o outro. Lê sobretudo poesia e é aos poetas que mais inveja. Ultimamente descobriu também o prazer dos policiais e tem encontrado no Nero Wolfe, de Rex Stout, uma boa companhia, embora, agora que começou um novo livro, leia menos. O livro novo está a chegar-lhe “com ímpeto”. António Lobo Antunes volta a sentir-se a cem por cento.

inveja pelos poetas. Conseguem fazer aquilo que eu não consigo. O Vasco Graça Moura é um grande poeta, do meu ponto de vista. Espero que não só do meu.

Gosta mais que digam de si que é um grande escritor ou que é um grande homem?

Nunca pensei nisso, Carlos. Bom, agora estão sempre a repetir-me que sou um grande escritor. Mas não é isso que é importante. Importante é eu conseguir chegar onde queria chegar.

Abril de 2008

JOSÉ SARAMAGO



VAI SER PRECISO QUE EU MORRA
PARA HAVER OUTRO NOBEL PORTUGUÊS

No aparador da sala de entrada há uma fotografia de Jorge Luis Borges amparado por Maria Kodama, que, ao fim de uns minutos de espera, como que se materializa, mutatis mutandis, na imagem de Saramago, acompanhado por Pilar, descendo cautelosamente as escadas ao meu encontro. O aperto de mão é forte como sempre, apesar da debilidade física ainda evidente, depois de uma doença que deixou o escritor muito magro. Ainda mais magro do que sempre foi. Dez anos depois de se ter tornado o primeiro autor português a receber o Nobel da Literatura, José Saramago não tem planos para comemorar a data. Ainda assim, verá chegar às salas de cinema o filme de Fernando Meirelles baseado no Ensaio sobre a Cegueira, está a escrever um novo romance e trouxe a Lisboa a exposição “A Consistência dos Sonhos”, sobre a sua vida e obra, inaugurada em Lanzarote. Uma exposição que revela episódios biográficos até agora desconhecidos e cartas em que o escritor se expõe um pouco mais. Como acontecerá também ao longo destas duas horas de conversa, em que falará do nervosismo dos anos que antecederam a conquista do Nobel, da sensação de irrealidade com que recebeu o prémio ou da “animadversão” (expressão do próprio Saramago) de António Lobo Antunes. À nossa volta há livros em português e em castelhano: La metamorfosis, de Franz Kafka; Os Lusíadas, de Luís de Camões; Até Amanhã, Camaradas, o romance de Álvaro Cunhal, sob o pseudónimo de Manuel Tiago, na

AS PALAVRAS NÃO SE AFOGAM AO ATRAVESSAR O ATLÂNTICO

Não querendo ainda revelar o destino, já se pode saber de onde parte a Viagem do Elefante?

O ponto de partida não me importo de dizê-lo. O ponto de partida é Lisboa.

Junho de 2008

**EDUARDO
LOURENÇO**



**ESTOU EM DÍVIDA
PARA COM A HUMANIDADE INTEIRA**

Sai do elevador num passo lento, um pouco hesitante, e com uma expressão grave, por detrás da qual esconde um sentido de humor a que não falta, por vezes, uma boa dose de traquinice. Combinámos o encontro no hotel em que se aloja sempre que vem a Lisboa e à porta, sob a percussão de uma betoneira, queixa-se das obras que já se arrastam há seis anos. “Coisas à portuguesa”, desabafa, num aparte que evidencia que continua sintonizado com a nossa maneira de ser, apesar de viver há mais de meio século no estrangeiro. Aos oitenta e cinco anos, Eduardo Lourenço é o mais respeitado intelectual português vivo. Conquistou todo o tipo de distinções, do prémio Camões ao prémio Europeu de Ensaio. Escreveu muito mas sempre de forma dispersa. Experimentou a poesia e a narrativa, na juventude, mas abandonou-as para as trocar pela reflexão a partir da poesia e da narrativa dos autores que foi descobrindo e dando a conhecer ao longo da vida. Diz, com frequência, que do que gosta é de “paleio”. Tanto como continua a gostar de jornais. A caminho da Gulbenkian, ainda temos de fazer um desvio para comprar a imprensa do dia. Tem passado ultimamente quase tanto tempo em Portugal como no sul de França, onde vive. Mantém-se tão à la page com a actualidade nacional como se nunca de cá tivesse saído. Quando chegamos ao gabinete que tem na Fundação, a conversa pelo caminho já o fez esquecer a pequena queixa de uma incómoda dor de garganta com que acordou, depois de na véspera ter apanhado uma

MIGUEL SOUSA TAVARES



POSSO ENCAIXAR BEM AS CRÍTICAS
PORQUE ESTOU CONFORTAVELMENTE SENTADO
EM CIMA DE UM MILHÃO DE LIVROS VENDIDOS

A casa, protegida pelo arvoredor, está agora a dois passos de uma rotunda inútil e deserta, que Miguel Sousa Tavares atravessa em contramão. Uma obra recente tal como os prédios feios e ainda por habitar das redondezas. Sobe-se uma curta estrada de terra e, de repente, a explosão imobiliária de Lagos é engolida por uma redoma de silêncio. Na casa branca que foi de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Francisco Sousa Tavares há um eco de palavras que talvez tenham sido escritas aqui por Sophia: “Em Lagos em Agosto o sol cai a direito e há sítios onde até o chão é caiado. O sol é pesado e a luz leve. Caminho no passeio rente ao muro mas não caibo na sombra. A sombra é uma fita estreita. Mergulho a mão na sombra como se a mergulhasse na água.” Sentamo-nos debaixo de um alpendre com o mar e o passado por perto, mergulhados nessa sombra reconfortante. Aqui escreveu Sophia, aqui escreve agora Miguel. Garante que foi com a mãe que aprendeu as virtudes da simplicidade na escrita. Esse é o seu lema. Depois de mais um sucesso de vendas, com o “quase romance” *No Teu Deserto*, Sousa Tavares confessa-se cada vez mais confiante como escritor.

O que é que o êxito dos seus livros alterou na sua vida?

Nada. Não mudei de amigos, não mudei de hábitos, não mudei de gostos, não mudei de prazeres. As pessoas que me conhecem de perto sabem que não mudou rigorosamente nada.

MIA COUTO



NÃO QUERO QUE A ESCRITA TOME CONTA DE MIM.
FICAVA LOUCO

Em cima da mesa tem o computador portátil e no bolso traz o caderninho de apontamentos. Os instrumentos para guardar as ideias que vão surgindo estão sempre por perto. Mia Couto acredita nas virtudes do esquecimento, como adiante se verá, mas já há muito descobriu que há pequenos relâmpagos que têm de ser guardados para não se perderem. É a partir deles que escreve os seus livros. Agora, tentando cada vez mais fugir à facilidade que tem de brincar com as palavras. Tentando esquecer, na medida do possível, a imagem que criou de si próprio enquanto escritor.

Que virtudes encontra no esquecimento?

O esquecimento é como se fosse a página onde nós escrevemos. O lugar em branco dessa página onde escrevemos o presente é criado pelo esquecimento. Mas é sempre um falso esquecimento, não existe um esquecimento verdadeiro. O esquecimento é tão construído como a própria lembrança. É o outro lado que fica inacessível.

Perguntei-lhe isto porque a necessidade de esquecer tem sido uma ideia recorrente em vários livros seus.

Sim, eu sou alimentado por aquilo que é um processo de amnésia colectiva que agora atravessa a sociedade moçambicana. É um

VALTER HUGO MÃE



ÀS VEZES PENSO PARA MIM PRÓPRIO:
SIM, EU ESTOU A TENTAR SALVAR O MUNDO

Sente-se um homem do Norte e garante que deve mais de metade da sua calvície precoce às inúmeras situações em que lhe ligam com convites que são prontamente retirados quando explica que não vive na zona de Lisboa. Contudo, é no centro da capital que nos encontramos para uma tarde à conversa, em volta de dois chás, num hotel com vista para o Castelo de São Jorge. Valter – cujo próximo livro já não excluirá as maiúsculas mas que continua a assinar em letra pequena – tem andado num corrupio norte-sul, para a promoção do quarto romance que publicou, A Máquina de Fazer Espanhóis (Objectiva/Alfaguara), o primeiro numa editora multinacional. Embora lhe custe admiti-lo, já aceita a ideia de que é melhor romancista do que poeta. Ainda assim, é na poesia que está a génese de tudo o que escreve, até mesmo do título deste seu novo romance, retirado de um poema publicado num livro em que aparece nu na capa. Valter Hugo Mãe não tem medo de se expor.

A data de 16 de Março de 1996 diz-lhe alguma coisa?

É a data em que eu devia ter morrido.

Ainda se lembra, portanto, do poema em que a escreveu.

Sim, porque é verdade. Esse poema, “Gordo e careca”, alude à desgraça do amor. Está em sintonia com a ideia de que o amor

até onde for possível – que subitamente nos conhecemos melhor e nos apossamos mais daquilo que são as nossas capacidades.

Sente algum parentesco artístico com alguém da sua geração?

Da minha geração? Se calhar com poetas, mais do que com prosadores.

Voltamos ao princípio.

Sim. Não sei se é uma sintonia. É pelo menos um agrado grande por gente como o Rui Pires Cabral, por exemplo. Ou o Manuel de Freitas. Curiosamente, as pessoas da minha geração que mais imediatamente me impressionam são pessoas que eu não conheço pessoalmente, com quem nunca estive. Eu acho que a poesia está sempre uns quilómetros à frente. A poesia vai de lebre. Depois os prosadores espertos lêem poesia e vão de arrasto, também.

Sente-se nessa posição?

Eu, como também faço poesia, vou de lebre e vou atrás. Tento ir. Não sei se vou. Tento ir.

Março de 2010

MÁRIO DE CARVALHO



GRANDE PARTE DA GRANDE LITERATURA
PASSA PELA IRONIA, PELA DISTÂNCIA E PELO HUMOR

Faça-se antes de mais um aviso: esta entrevista, ao contrário do que sucede com frequência neste género jornalístico, não terá didascálias. O diálogo – travado no escritório despojado e escuro onde Mário de Carvalho continua a ir regularmente, mesmo depois de ter abandonado a profissão de advogado – terá os seus instantes sérios e os seus momentos de gargalhada, mas há-de ser o leitor a moldar este barro à medida dos seus humores. Nada de indicações cénicas, portanto. Tal como acontece nos livros de Mário de Carvalho, a graça e a desgraça misturam-se numa trama complexa que cada um terá de desentrançar a seu modo. Depois de Fantasia para Dois Coronéis e Uma Piscina e A Sala Magenta, o escritor acaba de publicar A Arte de Morrer Longe (Caminho), onde se fala, não necessariamente por esta ordem, de tudo isto: de quelónios, de crises conjugais, da Avenida de Roma, da natureza humana, da natureza tout court, de um género literário de cultor único, do quotidiano dos empregados de escritório, da Wikipédia, do Twitter e do Facebook.

O que é que o faz rir?

Eu não sou uma pessoa muito risonha. Tenho até hábitos um bocado sisudos. Não sou propriamente um conversador festivo. Agora, penso que tenho um sentido de humor muito agudo.

Mas não acha, como Miguel Sousa Tavares, que o Facebook é “a grande ameaça do nosso tempo à humanidade”?

E ele está no Facebook?

Não.

Pronto, eu também não.

Isso quer dizer que concorda com ele?

Eu penso que pode haver algum excesso de devassa da vida pessoal. Mas só lá vai quem quer. Eu não vou.

Maio de 2010

GONÇALO M. TAVARES



O LIVRO É O OBJECTO DE CULTO DA LENTIDÃO

Aquilo que diz é por vezes tão desarmante como aquilo que escreve. Sentamo-nos à mesa de um café e é como se subitamente as leis da Física sofressem uma ligeiríssima transformação: saímos do mundo convencional ao ouvi-lo. Enquanto fala vai fazendo riscos num papel: quando a conversa termina, duas horas e meia mais tarde, há nele círculos e segmentos de recta e mesmo equações. É um escritor que gosta da imponderável exactidão do que parece ser uma evidência, mas que deixa de sê-lo logo que a posição do olhar roda ligeiramente. É esta a poética de Gonçalo M. Tavares, aquele de quem Saramago disse que há-de suceder-lhe um dia na lista do Nobel da Literatura. De repente, tem três novos livros nos escaparates: Uma Viagem à Índia (Caminho), Matteo Perdeu o Emprego (Porto Editora) e O Senhor Eliot e as Conferências (Caminho). Tão diferentes entre si como a multiplicidade de vozes literárias que o autor de Jerusalém soube inventar nas quase três dezenas de livros – a exactidão exige que se diga serem vinte e sete – que já publicou desde 2001. Tem quarenta anos.

Qual é o maior obstáculo que se sente obrigado a vencer enquanto escritor?
Eu gosto muito da ideia de que cada forma diferente de escrita – seja fragmento, conto ou romance – marca logo o conteúdo do que escrevemos. Isso parece-me muito claro.

**DULCE MARIA
CARDOSO**



FUI A MINHA PRIMEIRA PERSONAGEM

Dulce Maria Cardoso ainda não é um nome familiar para muitos leitores. No entanto, há quem a considere uma autora “genial” (disse-o Urbano Tavares Rodrigues na revista LER) e os seus livros têm tido mais fortuna fora de Portugal do que nas livrarias portuguesas, tanto em edições estrangeiras como na atribuição de um prémio europeu de literatura. O quarto romance de Dulce Maria Cardoso é aquele que provavelmente a poderá aproximar de um público mais vasto. Desde logo pelo tema. O Retorno (edição Tinta-da-china) narra a saga dos 600 mil portugueses retornados que regressaram de África em situações dramáticas, depois do 25 de Abril. Dulce Maria Cardoso estava entre eles. Sofreu na pele as convulsões da História. Tornou-se escritora nessa aventura. Agora reflecte sobre o que foi esse drama na voz de Rui, um adolescente que como ela viu ruir um império e que de um dia para o outro deixou de saber de que terra era.

Já sabe de que terra é?

Acho que sim, mas não estou bem certa. Talvez só no ano passado tenha feito as pazes com a metrópole, com Portugal, depois de ter estado um ano na Alemanha. Até aí, não tinha terra. Também não era uma coisa dramática, de andar todos os dias angustiada. Mas não sentia uma pertença.

AS
PALAVRAS
NÃO SE AFOGAM
AO ATRAVESSAR O
ATLÂNTICO

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER TEXT
E IMPRESSO PELA BURTÍ, SOBRE PAPEL
PÓLEN SOFT DE 80 G/M²,
EM JUNHO DE 2015.